

UM ESTUDO SOBRE A PROSTITUIÇÃO

Karla Costa Bussolo¹
Claudia Waltrick Machado Barbosa²

RESUMO

Nos dias atuais é possível perceber que mesmo a prostituição sendo muito comum no nosso cotidiano, ainda sofre certo preconceito por parte da sociedade. Alguns a veem como uma profissão qualquer e outros, como forma de exploração, no Brasil a prostituição não é considerada um crime, porém, explorar a prostituição, sim. Este preconceito faz com que as profissionais do sexo sofram, por serem excluídas e reconhecidas como as mulheres “más” da sociedade em que vivem. A ideia de realizar essa pesquisa surgiu através do questionamento sobre o que leva mulheres se tornarem profissionais do sexo, e se sofrem de algum transtorno psicológico devido à sua escolha para a vida. Esse trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde será aplicado um questionário composto por 10 questões, o público alvo são mulheres na faixa etária entre 18 e 30 anos que atuam como profissionais do sexo. Essa pesquisa tem por objetivo compreender como elas lidam com essa escolha, quais as expectativas em relação ao futuro e analisar a identidade social dessas mulheres. A pesquisa deste estudo é de abordagem qualitativa.

Palavras-chave: prostituição, profissionais do sexo, preconceito, identidade social.

A STUDY ON PROSTITUTION

ABSTRACT

Nowadays you can see that even prostitution is very common in our daily lives, yet suffer some prejudice by society. Some see it as a profession and any others, as a form of exploitation in Brazil prostitution is not considered a crime, however, exploit prostitution, yes. This prejudice makes sex workers suffer because they are excluded and recognized as women "bad" of the society in which they live. The idea to conduct this research emerged through questioning about what makes women become sex workers, and suffer from some psychological disorder because of your choice for life. This work it is a qualitative research, which is a questionnaire composed of 10 questions, the target audience is women aged between 18 and 30 who work as sex workers. This research aims to understand how they deal with that choice, what are the expectations for the future and analyze the social identity of women. The research of this study is a qualitative approach.

Keywords: prostitution, sex workers, prejudice, social identity.

¹ Aluna da 10ª fase do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST.

² Psicóloga e pedagoga – Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário FACVEST, Mestre em educação, especialista em terapia familiar e de casal.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada por mudanças ocorridas nas instituições sociais, nas relações entre os indivíduos, nas relações de gênero, entre outras. Dentro deste cenário, como pensar a prostituição? Para alcançar uma compreensão mais abrangente sobre o fenômeno aqui indagado, se faz necessário buscarmos os significados vigentes, suas contradições, suas desconexões com antigas significações, descrevendo e compreendendo o contexto da contemporaneidade e, através disso, situando-se a prostituição.

Para compreender a prostituição, é necessário retomarmos como se dá a construção da sexualidade ao longo dos tempos, com o objetivo de construirmos conhecimento mais apurado a respeito da sexualidade na atualidade. Falar em sexualidade nos remete à Antiguidade Grega. Para eles, não existia o conceito de sexualidade como o vemos atualmente. Segundo Hugues (1983), havia, de um lado, o reino dos prazeres. Denominado reino das afrodisias e de outro, o reino dos Eros., ou o reino dos amores. Os dois eram distintos entre si. As *Afrodísias* relacionavam-se aos prazeres sensuais, ou físicos (o beber, o comer, o dormir, etc.). Já os *Eros* eram múltiplos e com características distintas, relacionavam-se aos desejos que tinham a função de regular as condutas das pessoas. Eles eram regidos pela ética, pelo controle sobre si mesmo, pela continência.

Na Grécia Antiga, a sexualidade estava relacionada com a pederastia (relação entre homens maduros e jovens). Essas relações ocupavam lugar de destaque naquela sociedade e tinham a função de transformar o jovem em cidadão da Pólis. Chamadas de homofilia por alguns estudiosos, essas relações evoluíam para a amizade (*philia*) entre os mais velhos e os jovens adultos e não tinham o sentido de homossexualidade como a entendemos hoje. A relação entre homens adultos e jovens meninos era de mestre-aprendiz. Segundo Marcondes (2000), o que é marcante em relação à mulher é o fato de ela ser apresentada como incompleta ou imperfeita em relação ao sexo masculino.

Na segunda metade do século XX, acontece nas sociedades ocidentais uma verdadeira revolução nas relações homem/mulher e no papel social feminino. A introdução da pílula anticoncepcional no mercado, na década de 1960, propicia a separação entre ato sexual e procriação, trazendo importantes transformações, como a liberação da mulher em relação à gravidez indesejada e a possibilidade da conquista de maior igualdade em relação ao homem.

O filósofo Foucault (1988) apresenta que o advento da *scientia sexualis*, ou a ciência do sexo, é uma produção da sociedade ocidental. Por ela, buscava-se clarear a visão do homem

sobre sua sexualidade, através de uma disseminação do discurso sobre o sexo como uma forma de enquadrá-lo, descrevê-lo, defini-lo, que visava a produzir verdades sobre ele e, através disso, acabavam por ocultá-lo.

Ao fazer a relação entre discurso e sexualidade, Foucault (1988, p. 21) apresenta a ideia de que historicamente, a partir da Idade Moderna, a maneira de controlar a população foi feita primeiramente através da Igreja, com a confissão, e depois com a intervenção médica e política. “O ato de falar sobre sexo era autorizado e estimulado e, através dessa difusão de palavras, acabaria por não ocorrer o sexo de fato. Ou seja, como no método catártico freudiano, guardando suas devidas proporções, desvia o ato pela fala”. Nas palavras do autor: “como se para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso”.

A partir de então, o discurso médico baseado na racionalidade científica começa a construir um ideal de sexualidade, porém com uma forte ligação com a moral que passa a distinguir o que seria da ordem do patológico, do pecaminoso, da transgressão e da normalidade relacionados à sexualidade. Em contrapartida à ciência do sexo, Foucault (1988) apresenta a *ars erotica*, própria das civilizações orientais, que tem como característica a busca de um saber sobre as formas de ampliação do prazer, na qual a verdade sobre os prazeres do sexo era extraída de dentro do sujeito, ou seja, através das experiências sexuais era construído o saber sobre o sexo. Já a *scientia sexualis* baseava-se na confissão como ponto central da produção de um conhecimento sobre a sexualidade, passando a vigorar uma internalização desse falatório, estabelecendo assim uma relação de poder, na qual quem fala produz discurso sobre seu sexo e quem ouve normatiza através de padrões moralizantes o dito.

Essa imposição do falar sobre o sexo, para os médicos, e antes para a Igreja, através da confissão dos pecados, torna-se tão natural para a sociedade ocidental, que acaba por ser algo próprio e natural do sujeito, não mais de um discurso médico ou cristão. Por esse motivo, Foucault (1988) contraria a ideia de que existia de fato uma repressão sexual, porque o sexo no discurso vai além de um mecanismo de exclusão e rejeição, já que está atuando uma maneira discreta de controle da sexualidade dos sujeitos. Sendo assim, para o autor, a história da sexualidade deveria ser feita a partir de uma história dos discursos.

Birman (1997, p.111), comenta que foi, então, “a partir do século XVIII, para se dedicar à maternidade, a mulher deveria abrir mão das qualidades da feminilidade, já que eram consideradas de caráter negativo”. E, a partir daí a sensualidade feminina teria de ser ortopedicamente disciplinada. Sendo assim, as várias práticas que visavam à educação sexual, no século XIX, buscavam aniquilar o que existia de feminilidade na mulher, para abrir caminho

à figura da mãe, uma esposa casta e fiel. Assim, todas as formas de contato com a sexualidade que não estivessem no *script* eram encaradas como perigosas à sociedade.

As profissionais do sexo, por se encontrarem à margem dos padrões considerados normais, para aquele período (mãe, esposa, santa, virgem, fiel), passam a ser encaradas como seres egoístas, infiéis e com ausência de castidade. Sobre essa questão Birman (1997, p.111) explica:

A prostituição seria a materialização da inexistência de qualquer decência na mulher, a indecência feita carne indicando, pois, a decadência feminina por excelência, à medida que a maternidade estaria ausente de seu horizonte existencial.

Birman (1997, p.112) comenta que, a partir dessas posições estigmatizadas e pejorativas, a prostituta passa a exercer uma função social de reserva de gozo do mercado do sexo; em outras palavras, ela oferecia o prazer sexual aos homens de forma controlada e disciplinada e, complementa a idéia ao expor que: ‘a medicalização da prostituição, mediante medidas sanitárias bem precisas, visava tornar a figura da prostituta compatível com a sua função social, esvaziando-a de sua periculosidade essencial’. Dessa forma, essas mulheres tinham um local determinado para exercerem seus trabalhos sexuais, sendo submetidas ao controle médico para evitarem as doenças venéreas, e os homens que iriam até elas descarregariam seu tesão sem oferecer perigo à ordem social e familiar.

Bruns e Gomes (1996), em sua pesquisa, procuraram compreender a prática da prostituição a partir de como essas mulheres vivenciavam sua sexualidade. Para tanto, os autores realizaram entrevistas com 15 prostitutas institucionalizadas de 18 a 33 anos, com escolaridade até o ensino médio, analisando os dados a partir da fenomenologia e da filosofia de Buber. Segundo os autores, a prostituta faz de seu corpo seu instrumento de trabalho, oferecendo-o em troca de dinheiro, assim como fazem os mais variados profissionais nas mais diversas áreas. Porém o que diferencia a profissional do sexo de outro trabalho qualquer é o estigma que a sociedade lhe atribui.

Bruns e Gomes (1996, p. 7), destacam que:

Essa mulher faz uma separação entre mente e corpo, “assim, este assume um valor de troca enquanto aquela se consome no esquecimento, isto é, não há um engajamento consigo mesma, o que permite, então, um distanciamento de si mesma, ou seja do ser-mulher com a prostituta.

Ainda afirmam que, ao manter relações sexuais com seus clientes, a prostituta se porta como um objeto, ou seja, ela presta serviços utilizando seu corpo enquanto sua ferramenta de trabalho, dissociada de qualquer engajamento afetivo; nas palavras dos autores, ela se põe como

um isso, e o prazer que essa mulher tem é pelo dinheiro que receberá pelo serviço prestado. Dessa forma, o pagamento por este trabalho, legitima essa forma de ser no mundo (BRUNS; GOMES, 1996, p.8).

A prostituta seria então como uma atriz, no mundo da realidade, que encena uma personagem que busca satisfazer seus clientes pagantes e, quando sai de cena, volta a ser a mulher que sempre foi. Ou seja, separando sua vida profissional de sua vida afetiva. Assim, ela torna-se capaz de negociar seu corpo de forma superficial, não estabelecendo laços com seus fregueses já que a *performance* sexual seria completamente mecânica e em série. Caracteriza-se como uma maneira de se proteger de qualquer envolvimento com esses homens.

Segundo Rago (1991), a prostituição é considerada uma das profissões mais antigas do mundo, mas ainda surge a dúvida se a prostituição é ou não é uma profissão, já que muitas mulheres sobrevivem com essa atividade. Com isso a prostituição é tratada de diversas formas por diferentes países, no Brasil é permitida desde que não envolva a exploração. E afirma que, conforme a prostituição configurava um espaço visível, se tornava uma profissão reconhecida com expansão no mercado capitalista.

De acordo com Ceccarelli (2011), a representação social da prostituta varia segundo a época e cultura, nem sempre foi acompanhada da marca que o ocidente lhe atribui. Nas sociedades em que as famílias não eram monogâmicas, o sexo era encarado de forma bem diferente que a nossa, e ao que tudo indica, não havia prostituição. Em algumas civilizações se tratava de um ritual de passagem praticado pelas meninas ao atingirem a puberdade, e em outras, os homens iniciavam sexualmente as jovens em troca de presentes.

Ceccarelli (2011) também afirma que o campo de atuação da prostituição não para de expandir, nos meios de comunicação é cada vez maior o número de propostas de “serviços personalizados”, divulgados em revistas, jornais, na televisão, via telefone e outros. Com isso, cresce também o número de agências de encontros e de garotas de programas, nesse mercado circulam mulheres de todas as classes sociais, algumas com formação universitária.

A prostituição, hoje, é representada por mulheres de diversos lugares do mundo e de diversas classes sociais. A cada dia que passa a prostituição está lutando por um reconhecimento enquanto profissão, mesmo sendo excluída e marginalizada pela sociedade, ela foi inscrita em 2002, no Código Brasileiro de Ocupações, com isso, a prostituição foi legalmente reconhecida, a qual reconhece as ocupações existentes no mercado de trabalho brasileiro. Segundo a CBO, a prostituta pode ser reconhecida, também, como garota de programa, meretriz, messalina e mulher da vida. A descrição da profissional está definida como: “buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam em ações educativas no campo da sexualidade. As

atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidade da profissão” (OLIVEIRA, 2008).

As profissionais do sexo, geralmente ficam presas a palavra prostituta, pois a palavra e a imagem que produzem se confundem com a identidade da mulher que faz programas, com isso, essas mulheres acabam ficando presas a uma palavra. Como a palavra prostituta remete a imoralidade, essas mulheres acabam sendo excluídas, pois são vistas como “algo ruim” para a sociedade (COELHO, 2009).

A mulher prostituta e a mulher não prostituta são diferenciadas pela sociedade, para a primeira lhe é atribuída a função de realizar fantasias e de ser paga para ter satisfação sexual, e para segunda lhe atribuem a função de mulher para se construir uma família. Na sociedade de hoje, o preconceito impede que indivíduos percebam que ambas podem fazer a mesma coisa, porém, de formas diferentes (COELHO, 2009).

Na prostituição, existem dois tipos de mulheres, as que querem sair da prostituição, mas continuar a fazer alguns programas, pelo fato de sentir prazer sexual, e as que querem sair de vez da prostituição, que não querem nunca mais se prostituir. É muito complicado resumir a prostituição a conceitos reduzidos, pois ela não pode ser vista somente como uma forma de escravidão e esquecer o prazer que ela traz, mas também é importante lembrar, que além do prazer, essa atividade está ligada a preconceito e exploração. Ou seja, a prostituição pode ser vista como uma mistura de ações, sentimentos e práticas (BARRETO, 2008).

As prostitutas não eram vistas pela sociedade feminista como mulheres dotadas de desejo, mas sim como pervertidas e escravas sexuais. Como mulheres, elas tinham que ao fazer sexo ter como objetivo construir uma família e ter um vínculo afetivo com o parceiro e não fazer sexo sem afeto nenhum e somente pelo dinheiro, por isso eram vistas como pervertidas. E divididas pela sociedade entre as mulheres “boas” e as “más” (BARRETO, 2008).

Nessa divisão, as prostitutas são consideradas as “más”, e com isso, são completamente desvalorizadas. Existem as profissionais do sexo que se veem como prostitutas somente quando estão trabalhando, fora do trabalho elas se veem como uma mulher normal, que tem emprego e família. Tais mulheres sabem dividir suas posturas em casa e no local de trabalho e com isso elas vão tentando quebrar essa divisão que a sociedade criou (BARRETO, 2008).

O trabalho está inserido na vida de um indivíduo, ele define o que a pessoa é socialmente, lhe atribuindo uma identidade. Porém, em alguns casos, essa formação de identidade valorizada se encontra bloqueada, é aí que encontramos as profissionais do sexo. A forma como essas mulheres se notam e são notadas pelos outros, sob a visão do trabalho que exercem, tem grande importância no fator de construção de identidade social e da autoestima.

O trabalho, além de ser um meio de sobreviver e de construir uma carreira, ele também passa a ter traços psicológicos na busca por uma identidade, por uma inclusão a sociedade (OLIVEIRA, 2008).

METODOLOGIA

Minayo (2007, p.44), define metodologia como sendo:

[...] a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer tipo específico de resposta as indagações específicas.

O objetivo da metodologia é investigar as características dos diversos métodos, ela também pode ser vista como uma maneira de conduzir a pesquisa. A metodologia científica, concede, através de uma análise científica, a obtenção do conhecimento científico (MINAYO, 2007).

Esse artigo teve como objetivo pesquisar o contexto que levam mulheres a se tornarem profissionais do sexo. Do ponto de vista metodológico a abordagem desta pesquisa segue os preceitos da pesquisa qualitativa. Este tipo de pesquisa é de extrema relevância para a ciência, quando não é possível quantificar dados obtidos pela mensuração, utiliza-se esse tipo de pesquisa, onde é levado em conta à subjetividade e particularidade do indivíduo, o que não se consegue em números. As pesquisas qualitativas possuem caráter exploratório, pois ela faz com que o entrevistado se expresse livremente sobre o tema abordado (MINAYO, 1994).

Segundo Lima (2001), a pesquisa qualitativa pode ser vista como um enfoque investigativo, onde a principal preocupação é compreender o fenômeno. O objetivo da pesquisa qualitativa é expressar e traduzir o sentido dos fenômenos do mundo social, ou seja, essa pesquisa reduz a distância entre a teoria e os dados. A pesquisa qualitativa então estuda a relação dinâmica entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida por números (MINAYO, 1994).

Para esta pesquisa foi utilizada pesquisa de campo, pois, para Gil, (2007, p.53), o estudo de campo procura muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Como consequência, o

planejamento do estudo de campo apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo da pesquisa. Pois para a autora:

Na pesquisa de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo.

Foram participantes desta pesquisa dez profissionais do sexo. Para tanto, em atendimento às questões éticas, as participantes foram comunicadas – antes da coleta de dados – sobre os objetivos da pesquisa, sendo-lhes solicitado autorização, mediante a assinatura do TCLE apresentado em duas vias. A fim de assegurar o anonimato das profissionais, bem como do ambiente de coleta de dados, optou-se por identificá-los com a letra “P” de participantes, “acompanhada pelo número da entrevista P1, P2, P3, P4... O período da coleta das informações, após aprovação do projeto pela banca examinadora, ocorreu entre os meses de maio e junho de 2016. A partir disso, foi entrado em contato com a proprietária do estabelecimento, a fim de informar sobre a pesquisa e agendar um dia e horário para coleta de dados, contato este feito pela própria pesquisadora.

Para obtenção dos dados, foi utilizado entrevistas com aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturado com perguntas abertas. Para Good e Hatt (1969, p 237 *apud* Lakatos e Marconi, 2001, p. 196) “a entrevista consiste no desenvolvimento, focalização fidedignidade e validade de certo ato social como a conversação”. O roteiro de entrevista semiestruturado foi o instrumento de interlocução entre o pesquisador e entrevistado, para que pudesse, dentro das suas delimitações, coletar dados, de forma mais clara e fidedigna possível, para que venha a contribuir para o avanço do tema proposto e, seja um instrumento por excelência da investigação social.

Conforme Minayo (1994, p. 122), o entrevistador não faz formulações pré-fixadas, e sim a entrevista deve ser considerada como um roteiro facilitando a comunicação entre ambos. Cabe salientar, que se optou por realizar entrevistas abertas, devido ao interesse em produzir um material mais aprofundado, para compreendermos as especificidades do processo de avaliação. Após a coleta de dados, através do processo de seleção, foi feito um exame minucioso dos dados coletados, por meio de uma análise crítica, para evitar distorções nos relatos. Após este processo aconteceu codificação, ou seja, categorização dos dados que se relacionam e, finalmente a tabulação dos dados, para que se pudesse, com maior facilidade, verificar as inter-relações entre eles, na tentativa de sintetizar os dados.

Os dados foram selecionados pela divisão de subgrupos e reunidos de modo que as hipóteses levantadas através da coleta de dados pudessem ser comprovadas. Uma vez analisados os dados e obtido os resultados, foi realizada a interpretação, onde foram verificadas as relações entre os resultados a fim de ampliar os conhecimentos sobre o fenômeno. Este momento foi permeado pela busca de significado das respostas tentando vincular com outros conhecimentos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A pesquisa foi realizada em uma casa noturna, localizada na cidade de Lages. Pode-se observar que a idade das participantes varia entre 19 a 31 anos, sendo que a maioria possui o ensino médio, se destacando apenas uma participante com ensino superior completo. Em relação a filhos, observa-se que grande parte das entrevistadas possui de um a dois, apenas duas que não tem filhos. Quanto ao tempo na profissão, foi possível observar que existe uma variância entre os dados. Esses dados podem ser observados na tabela abaixo:

Identificação dos sujeitos

Participantes	Idade	Escolaridade	Número de Filhos	Tempo de profissão
Participante 1	22 anos	Ensino médio completo	1	8 meses
Participante 2	21 anos	Ensino médio incompleto	X	5 anos
Participante 3	29 anos	Ensino médio completo	2	3 anos
Participante 4	28 anos	Ensino superior completo	1	6 meses
Participante 5	28 anos	Ensino médio incompleto	1	6 anos
Participante 6	19 anos	Ensino médio completo	X	1 ano e 6 meses
Participante 7	20 anos	Ensino médio incompleto	1	2 anos
Participante 8	23 anos	Ensino médio completo	2	5 anos
Participante 9	22 anos	Ensino médio incompleto	1	4 anos
Participante 10	31 anos	Ensino médio incompleto	2	Há alguns anos, voltei recentemente

Fonte: Dados da entrevista - 2016

A prostituição é uma atividade lícita e passível de todos os benefícios previstos em lei. Além da Constituição brasileira, a ONU (Organização das Nações Unidas), também trata da questão relacionada à prostituição e em momento algum considera um ato ilícito, pelo contrário, entende que a prestação dos serviços sexuais é uma maneira das pessoas conseguir renda, fortalecendo a ideia da prostituição ser uma atividade ocupacional: “processo em que as pessoas mediante remuneração de maneira habitual, sob quaisquer formas, entregam-se às relações sexuais, normais ou anormais com pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto” (ANDRADE, 2004).

A qualificação instrucional educativa da mulher é um pressuposto necessário para inserção no mercado de trabalho, pois as mulheres que possuem nível superior completo

apresentam as menores taxas de desemprego; enquanto que as mulheres que possuem o ensino fundamental e ensino médio incompleto apresentam as maiores taxas de desemprego. Todavia, no (sub)mundo da prostituição a remuneração adquirida pelas mulheres não está associada necessariamente ao nível educacional.

Quanto ao motivo da escolha pela profissão:

Participantes	Motivo da escolha da profissão
Participante 1	Pela remuneração
Participante 2	Por causa do dinheiro
Participante 3	Pelo dinheiro
Participante 4	Porque ganha bem
Participante 5	Dinheiro, estabilidade.
Participante 6	Não sei
Participante 7	Por causa do dinheiro
Participante 8	Pelo dinheiro
Participante 9	Porque ganha bem
Participante 10	Por causa do dinheiro

Fonte: Dados da entrevista – 2016

Frente aos dados coletados, é possível observar que todas as participantes responderam que escolheram a profissão por um único motivo: dinheiro. O comércio do sexo é o sustento de muitas trabalhadoras do sexo: “[...] uma atividade que gera renda ou como forma de trabalho para homens e mulheres” (KAMPADOO, apud MATOS, 2004, p.4).

Não há dúvida de que a pobreza e a miséria social condicionadas pelas dificuldades financeiras, baixos rendimentos, desemprego, etc., são fatores socioeconômicos determinantes da prostituição feminina, no entanto, é possível observar que estes fatores socioeconômicos não são os únicos motivos da mulher ingressar na prostituição. Porém, o motivo de ingressar na prostituição não está condicionado necessariamente às péssimas condições socioeconômicas, mas em assumir a prostituição como um trabalho rentável, capaz de viabilizar a ostentação dos seus desejos de consumo e comportamento, com o intuito de adquirir prestígio social, a exemplo: joias, roupas da moda, faculdade e etc.; facultado pela erotização precoce da mulher, através das roupas e danças sensuais, que expõem o corpo feminino, característica esta, marcante da cultura da sociedade de consumo capitalista. Além disso, a mídia exerce um grande papel na sociedade, mostrando através da televisão uma realidade fictícia, em que as garotas de programa conseguem com rapidez e vida fácil, o seu enriquecimento. Este fato estimula cada vez mais a entrada precoce da mulher na prostituição como meio de vida para ascensão social: “isso exerce um fascínio sobre a coletividade das pessoas que é explorado pela mídia, pelo retorno que dá. O pior é que quanto maior o nível de exposição, maior o nível de adoecimento psíquico dessas garotas” (TARDIEU apud CHAUL, 2004, p.50).

Quanto a vontade de mudar ou continuar nessa profissão:

Participantes	Mudar ou continuar na profissão
Participante 1	Sim, mudar para algo melhor
Participante 2	Sim, pretendo
Participante 3	Sim, mudar
Participante 4	Sim, pretendo continuar até o final do ano
Participante 5	Sim, pretendo mudar para cursar uma faculdade
Participante 6	Sim, mudar um dia
Participante 7	Sim, mudar
Participante 8	Sim, pretendo mudar
Participante 9	Não, continuar, porque gosto
Participante 10	Sim, com certeza, mudar

Fonte: Dados da entrevista - 2016

Quanto a vontade de mudar ou continuar nessa profissão, apenas uma entrevistada respondeu que pretende continuar na profissão porque gosta dela, já as demais responderam que pretendem sim mudar de profissão. Diante disto, ao mesmo tempo, pensar na prostituição como opção faz sentido, quando se entende que ninguém é obrigado a fazer algo que não quer. De tal modo, alguns poderiam indagar se, caso não fosse uma escolha da própria mulher que se prostitui, não estariam excluídos o livre arbítrio e a possibilidade de dizer sim ou não.

Compreende-se, todavia, por opção a faculdade de fazer uma escolha dentre várias alternativas. Esta escolha é pautada por valores éticos e morais que influenciam as condições objetivas e subjetivas presentes nos sujeitos sociais e no cotidiano. Visa atingir anseios de uma perspectiva considerada melhor. Opção é uma ação e, portanto, ao realizá-la, nega-se uma condição anterior, colocando-se em outra. Ou seja, opção são as possibilidades que foram construídas e que vão afetar o seu meio, os sujeitos e as suas relações com outros sujeitos. Ao compreender o conceito de opção, é possível apontar para o caminho no qual escolhas não são isentas de determinações externas aos sujeitos.

Segundo Barros (2005, p. 6):

A despeito das mudanças das formas de prostituição, está longe o dia em que a venda do sexo não será entendida como um ato sujo, feio, profano, pecador, imoral, mundano e danoso à ordem social. As marcas que a sociedade produziu para caracterizar o ato sexual que resulta em pagamento demonstram perfeitamente como as prostitutas são entendidas. Os estigmas são diversos, alguns são até evitados em nossa comunicação diária, mas revelam com acuidade o imaginário social e o processo de estigmatização por que passam as prostitutas.

Considera-se, portanto, que por detrás de uma aparente escolha está presente uma determinação social, fruto das relações contraditórias estabelecidas nesta sociedade. A condição de vulnerabilidade social na qual estas mulheres estão inseridas é evidente. Do mesmo modo, é explícita a negação de sua cidadania e, conseqüentemente, os serviços dela decorrentes, de caráter público ou privado.

Quanto gostar da profissão:

Participantes	Gosta da profissão
Participante 1	Sim
Participante 2	Não
Participante 3	Sim
Participante 4	Sim
Participante 5	Me acostumei
Participante 6	Sim, às vezes
Participante 7	Sim
Participante 8	Sim
Participante 9	Sim
Participante 10	Não, gosto do que a noite me oferece

Fonte: Dados da entrevista - 2016

Quanto ao gostar da profissão, a maioria das participantes responderam que gostam de serem profissionais do sexo, apenas duas responderam que não, e uma entrevistada respondeu que se acostumou com a profissão. Segundo Barreto (2008), mulheres que se prostituem veem a prostituição de diferentes formas, para algumas é uma escapatória, mas também um trabalho. Umam associam o ser prostituta a mulheres de garra e força. Também pode ser associado ao dar prazer, no sentido de deitar com o cliente e receber por isso. Ou seja, as palavras prostituta e prostituição não traduzem somente uma realidade, mas sim um grande número de identidades, práticas e significados.

Quanto aos os pontos positivos e negativos da profissão:

Participantes	Pontos positivos e negativos da profissão
Participante 1	Positivos: boa remuneração - Negativos: horário
Participante 2	Traz o sexo, mas mata o amor - Traz a felicidade mas tem rancor
Participante 3	Positivos: festa e dinheiro - Negativos: as vezes suportar algo que não gosta
Participante 4	Positivos: ganha bem, faz amizades - Negativos: faz mal para o corpo, tem que beber demais.
Participante 5	Positivos: financeiro, estabilidade - Negativos: beber todo dia
Participante 6	Positivo: dinheiro - Negativo: fazer o que não quero
Participante 7	Positivos: se diverte, ganha dinheiro - Negativos: é muito cansativo
Participante 8	Positivos: Une o útil ao agradável, dinheiro e festa - Negativos: sentir sono, as vezes aturar alguém que não quer
Participante 9	Positivos: ganha bem e se diverte - Negativos: aturar algumas coisas que não gosta
Participante 10	Positivos: é um pulo para gente dar uma situação melhor para nossos filhos, alimentar nossa família e conseguir alcançar alguns dos nossos sonhos - Negativos: dói a alma.

Fonte: Dados da entrevista - 2016

Na pergunta pontos positivos e negativos da profissão, todas as participantes responderam que um dos pontos positivos é o dinheiro e quanto aos negativos está o álcool, horários, se obrigar a sair e fazer o que não quer, e uma em especial, respondeu que dói a alma. Para mulheres que fazem “programas” há varias maneiras de aceitar um homem, seja por gostar dele, porque ele é “rapidinho”, porque usa camisinha, por ter fama de ser “bom de cama”, por ser interessante, bonito. Mas no caso de algumas, que estão em uma situação financeira ruim, aceitam todo o tipo de homem que as procurar, se tornando fiéis profissionais (SOUZA, 1998).

Algumas mulheres reclamam por ter que fazerem sexo com pessoas que não gostam que estejam bêbados ou drogados. E afirmam que conseguem recusar clientes e atividades que não querem. Essa atitude é muito importante, pois indica uma inversão das hierarquias sociais, onde as prostitutas conseguem serem independentes e não fazerem tudo que são obrigadas e agir conforme a vontade dos outros (BARRETO, 2008).

Quanto a família ter ciência do trabalho que exerce:

A família sabe do trabalho	Participantes
Sim	6
Não	4

Fonte: Dados da entrevista - 2016

Frente a família saber ou não da profissão, 6 participantes responderam que sim e estas que responderam que sim, afirmaram que é apenas alguém da família que sabe, mãe ou irmã e 4 que não. Há profissionais que não querem ser identificadas como prostituta e por isso querem que essa profissão permaneça em segredo, já, as mulheres que se prostituem na rua, ao invés de manter sua atividade em segredo, elas preferem deixar claro quem são e o que fazem, afim de serem identificadas (CECCARELLI, 2011).

Segundo Moraes (1995, p.79), as prostitutas assumem que é um trabalho, mas também percebem que tem que esconder sua atuação profissional, para evitar os preconceitos e o estigma historicamente construídos ao redor do exercício da prostituição.

Quanto as pessoas que convive na família:

Participantes	Com quem mora
Participante 1	Com a mãe e filha
Participante 2	Com a mãe e irmão
Participante 3	Com os filhos
Participante 4	Com o pai, mãe irmã e filha
Participante 5	Sozinha
Participante 6	Com minha mãe
Participante 7	Com a minha mãe e filho
Participante 8	Com a mãe e filhos
Participante 9	Com minha mãe e filho
Participante 10	Com minha família

Fonte: Dados da entrevista - 2016

A família é considerada um dos principais pontos de referência na formação do cidadão. Por este, motivo, entre outros, ela se tornou tema de estudo e discussão nos mais diversos segmentos da sociedade, bem como nas diferentes ciências. Abordar a problemática familiar constitui-se numa tarefa difícil e complexa, pois em torno da família muita coisa acontece.

Goldani (1994), ao dizer que a posição relativa da mulher alterou-se profundamente, com a inserção no mercado de trabalho, com a liberalização dos costumes e com a quebra da

divisão sexual do trabalho. Neste sentido, Hobsbawm (2001) diz que a entrada e o desempenho das mulheres nos mais variados segmentos sociais são vistos como revolucionária. Apesar destas conquistas, ainda existem muitas barreiras a superar. Isto porque, as mulheres de camadas mais baixas e pouca qualificação profissional permanecem à margem da esfera pública ou na condição de trabalhadoras sem nenhum tipo de vínculo empregatício. Portanto muitas destas mulheres, acabam na prostituição para poder criar seus filhos.

O trabalho na prostituição não é meramente o ato de prostituir-se em si, envolto nesse ato estão muitas outras esferas que se tocam todo o tempo. Por exemplo, a família, principalmente na figura dos filhos. Rey (2003) ao afirmar que a subjetividade é um sistema complexo, que se forma de maneira simultânea nos planos individual e social. A subjetividade das prostitutas enquanto trabalhadoras, é influenciada por sentidos subjetivos relacionados a outros espaços sociais, sendo estes, principalmente, a família e a sociedade. Em contrapartida, esses espaços sociais afetados também influenciam o espaço social do trabalho. Nesse sentido acredita-se existir uma inter-relação constante entre os diversos espaços sociais dos quais as prostitutas são participantes, o que se evidencia nos relatos que demonstram, por exemplo, que a distância da família é vista como algo negativo do trabalho na prostituição.

Quanto ao já ter sofrido preconceito e como lida com isso:

Participantes	Com quem mora
Participante 1	Sim, normal, sem estresse com opinião alheia
Participante 2	Não sofro
Participante 3	Não
Participante 4	Não
Participante 5	Já sofri
Participante 6	Não, pois ninguém sabe
Participante 7	Não
Participante 8	Não
Participante 9	Não
Participante 10	Sim, todas sofremos

Fonte: Dados da entrevista - 2016

Quanto ao já ter sofrido preconceito por ter escolhido essa profissão, algumas responderam que não, pois as pessoas não sabem e outras responderam que sim. A complexidade da real origem dos preconceitos é uma das grandes dificuldades que as mulheres de programa enfrentam, quando o assunto é prostituição, a legislação brasileira é dúbia, de um lado não criminaliza o ato da prostituição em si, mas por outro lado criminaliza quem favorece a sua prática. Segundo o Código Penal (capítulo 5, artigos 227 a 231), a prostituição não é considerada crime, somente sua exploração ou lenocínio, mas quem acaba sendo penalizado são sempre os profissionais do sexo que são na maioria das vezes detidos para averiguação e

impedidos de exercer sua atividade laborativa. A sociedade ainda não vê a profissão com tanta naturalidade assim e muitos não a consideram como tal.

O que leva as prostitutas a não tornarem sua atividade pública é o preconceito que sofrem, as pessoas evitam e discriminam essa profissão. No Brasil, as mulheres que não tem estudo e são pobres não tem muitas opções de trabalho e acabam no mundo da prostituição, que, como qualquer outro emprego gera dinheiro, porém a sociedade não aceita essa forma de ganhar dinheiro (BARRETO, 2008).

A maioria das prostitutas são preocupadas com o risco de doenças, com a violência e com os preconceitos que enfrentam. Elas continuam sendo acusadas de atentado ao pudor, causadoras de desordem, destruidoras de lares, entre outros. São compreendidas por alguns ou desprezadas por outros, elas suscitam-me a vontade de saber se existe uma sociedade em que elas poderão se encaixar jurídica e socialmente para serem aceitas. Sabe-se que esta questão continuará a atravessar séculos sem resposta plausível, mesmo em épocas e países desenvolvidos.

Quanto à forma que se imagina nos próximos dez anos:

Participantes	Como se imagina em dez anos
Participante 1	De bem com meus familiares e com a maioria dos meus sonhos realizados
Participante 2	Casada, com minha família e filhos
Participante 3	Muito rica
Participante 4	Rica, com um bom casamento
Participante 5	Trabalhando dentro de um hospital como enfermeira
Participante 6	Ter conquistado todos os meus objetivos
Participante 7	Trabalhando em outra profissão
Participante 8	Estar bem financeiramente
Participante 9	Com um futuro bom e não estar trabalhando mais
Participante 10	Feliz e realizada

Fonte: Dados da entrevista - 2016

Diante da pergunta de como as participantes se imaginam nos próximos, algumas responderam pretendem estar em outra profissão, alguma que querem estar ricas e outras casadas e com filhos. Após a análise e interpretação das entrevistas, foi possível identificar que elas o vêem o seu corpo como um instrumento de trabalho ou uma mercadoria de onde tiram sustento, outras prostitutas têm uma relação ambígua com a sua profissão, durante o dia assumem o papel de dona – de – casa ou exercem uma atividade profissional e durante a noite, trabalha como prostituta. Essas mulheres também possuem sonhos, elas desejam ter uma vida melhor e viver com dignidade.

Segundo Rigoletto (2008, p.39):

O fator econômico é o determinante mais comum de ingresso na prostituição é associado a dificuldade de integração no mercado de trabalho. Geralmente existe a expectativa por parte das mulheres, de que a permanência na prostituição seja transitória, alimentada pela esperança de conseguir outro tipo de trabalho, voltar a estudar, encontrar um companheiro e casar.

Quanto a ter algum transtorno psicológico já diagnosticado:

Participantes	Tem diagnóstico de problemas psicológicos
Participante 1	Não
Participante 2	Sim, e muito
Participante 3	Não
Participante 4	Não
Participante 5	Não
Participante 6	Não
Participante 7	Não
Participante 8	Não
Participante 9	Não
Participante 10	Sim, só busco paz

Fonte: Dados da entrevista - 2016

Diante dessa pergunta, apenas duas participantes responderam que sim, enquanto as outras responderam que não. O estigma de vida fácil rotulado pela sociedade perante as mulheres que vendem seu corpo por dinheiro, muitas das garotas de programa discordam, pois alegam que essa vida é cansativa e estressante, devido a várias noites incessantemente perdidas, porque tem que trabalhar muito para obter um bom rendimento. As prostitutas podem estar suscetíveis a desenvolver estresse e depressão.

As profissionais do sexo são uma população de risco para o desenvolvimento da depressão, devido a exposição diária que sofrem e ao preconceito que encaram, para muitas mulheres essa profissão está associada a violência e discriminação. Os sintomas mais presentes em mulheres prostitutas que sofrem de depressão, são os referentes a insatisfação, culpa, irritabilidade, indecisão. Dentre os sintomas psicológicos, aparecem pensamentos, como de desânimo diante o futuro, sentimentos de culpa e decepção consigo mesma. Em alguns casos de depressão mais graves, também aparece pensamentos suicidas (CARVALHO, 2012).

Em se tratando de doenças psicológicas, Gorry, Roen e Reilly (2010), relatam uma pesquisa em que exploraram as implicações psicológicas da prostituição para suas profissionais. Os resultados revelaram o impacto emocional no sentido, uma vez que o trabalho afeta a autoestima, muitas vezes deixando-as se sentirem estigmatizadas, envergonhadas e degradadas. Como principais questões emocionais que vieram com o trabalho sexual estão a vulnerabilidade, desamparo, o medo e a impotência diante dessa situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi pesquisar as razões que mulheres na faixa etária entre 18 e 30 anos inseriram-se na prostituição, quais suas expectativas em relação ao futuro e se devido a essa escolha sofrem de algum transtorno psicológico.

Uma das grandes dúvidas é se essas mulheres vendem o corpo por dinheiro ou por prazer, após análise dos estudos pode-se observar que é pelos dois motivos, todas entraram na profissão por causa do dinheiro, mas a grande maioria gosta de estar ali e do que faz.

Mesmo sendo considerada uma das profissões mais antigas do mundo, ainda existe a dúvida se é ou não uma profissão. No Brasil ela não é considerada crime nem uma atividade ilegal, o que não é permitido é a exploração dela.

Por mais que seja um assunto muito abordado nos dias de hoje, essas mulheres preferem não expor o que fazem para não sofrerem com isso. A maioria conta somente para alguém da família, mas é importante lembrar que profissionais do sexo são seres humanos como os demais e merecem respeito independente da atividade que praticam.

Ainda é comum se pensar que se prostituir é muito fácil, é apenas vender o corpo sem necessidade de uma qualificação. Mas, aí entra uma questão importante, até que ponto é fácil se submeter a tudo que o outro quer por dinheiro. Gilberto Dimenstein, em seu livro *Meninas da Noite* (1992, p.18), citou: “Elas não tem nada para vender. Só podem vender o único bem que possuem: o corpo”.

Com esse trabalho foi possível concluir que o que leva mulheres a escolherem ser profissionais do sexo é pelo dinheiro que ganham, elas buscam uma vida melhor financeiramente e como muitas tem pouco estudo, acabam optando por essa profissão, porém para muitas estar ali acabou se tornando uma coisa prazerosa, elas gostam do que fazem, uniram o útil ao agradável. Em relação aos transtornos psicológicos pode-se observar que mesmo sendo muito comum nessa profissão a maioria das entrevistadas relatou que não sofre desses problemas, mas ainda sim, é uma profissão que requer toda uma atenção em torno de problemas psicológicos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ivanise. **Prostituição e Exploração: Comercialização de Sexo Jovem**. Disponível em: <http://www.caminhos.ufms.br/reportagens/impresao.htm?artigo=45>. Acesso em: 18 de junho de 2016.

BARROS, Adelize da Silveira. **Camumbembe**. Goiânia: Cãnone editorial, 2005.

BIRMAN, J. Se eu te amo, cuide-se. Sobre a feminilidade, a mulher e o erotismo nos anos 80. In: BERLINK, M.T. (org.). **Histeria**. São Paulo: Escuta, 1997.

BRUNS, M.A.T; GOMES JR. Prostituição: o discurso de quem se vende e o silêncio de seu comprador. **Jornal Brasileiro de doenças sexualmente transmissíveis**. v.8, nº4: 4-13. Niterói, dez. 1996.

CHAUL, Surama. **Kilt Show: Vitrine viva das garotas de programa de São Paulo**. Documento Verdade, São Paulo: Escala, n. 1, ano 1, p.7, 2004.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIL, A C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDANI, A M. **As famílias brasileiras: Mudanças e perspectivas**. In: cadernos de pesquisa, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n.91, p. 7-22, 1994.

GORRY, J.; ROEN, K.; REILLY, J. Selling your self? The psychological impact of street sex work and factors affecting support seeking. **Health and Social Care in the Community**, v. 18, n. 5, p. 492–499, 2010.

HOBSBAWM, E. **Era dos extremos: o breve século VC**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

HUGUES, D. Prefácio. In: PIRES, J.M., **O grito de milhões de escravas: a cumplicidade do silêncio**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2001.

MATOS, Railda. **Elas sonham acordadas em Santo Antônio dos Prazeres: Mulheres em Prostituição**. 2000. 117 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais, UFBA, Salvador, 2004.

MARCONDES, D. **Textos Básicos em Filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MINAYO, M. C. de S. (org.); DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, A. F. **Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis: Vozes, 1995.

RAGO, M. **Os prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RIGOLETTO, R. N. **Prostituição masculina**, 2008 Disponível em: http://www.farofadigital.com.br/sexologia_miche.htm. Acesso em: 18 de junho de 2016.